

A Primavera Árabe e a construção de uma esfera pública virtual e internacionalizada¹

Heider Carlos Matos²

Poliana Sales Alves³

Faculdade Estácio de São Luís, MA

Resumo

Este artigo busca compreender o papel das mídias e redes sociais nos levantes do Oriente Médio, ocorridos a partir de dezembro de 2010, denominados Primavera Árabe. Buscamos investigar o papel das tecnologias de comunicação e informação na constituição de uma esfera pública virtualizada e internacionalizada. Para tanto, nossa metodologia de pesquisa é do tipo bibliográfica. Realizamos a coleta de dados e informações em livros, artigos e pesquisas científicas para construir uma base teórica capaz de nos oferecer caminhos para a compreensão de tal fenômeno. Como referências, utilizamos Castells (2005); Habermas (1984); Levy (1999), entre outros.

Palavras-chave: Mídia; Novas tecnologias da informação; Primavera Árabe.

Introdução

Para Habermas (1984), a esfera pública é o espaço da reflexão, da crítica e do debate de assuntos de domínio público e que se referem a interesses coletivos. A internet possibilitou o surgimento dessa esfera em uma plataforma virtual. Os fenômenos provocados pelas novas tecnologias da informação possibilitaram o surgimento dessa esfera pública virtual e, também, internacionalizada (sem fronteiras geográficas), que se caracteriza por ser um espaço utilizado para a disseminação, mobilização e compartilhamento de informações por parte de cidadãos, jornalistas, movimentos sociais organizados, entre outros.

O uso da Internet para se comunicar criou um sistema de cooperação que fez com que fatos, acontecimentos ou até manifestações não se tornem apenas atos isolados, como os movimentos ocorridos, a partir de dezembro de 2010, no Oriente Médio (Egito, Líbia, Síria, Argélia, Bahrein, Djibuti, Iraque, Jordânia, Omã, Iêmen, Kuwait, Líbano, Mauritânia, Marrocos, Arábia Saudita, Sudão e Saara Ocidental) denominados de Primavera Árabe, que

¹ Exemplo: Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, email: heidercarlosmatos@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Mestre da Faculdade Estácio de São Luís, email: polianasales@gmail.com

utilizaram uma forma de comunicação e organização, capaz de driblar a mídia oficial dos regimes autoritários.

Os países citados vivem diferentes níveis de censura. Portanto, a opinião pública está sujeita as construções dos veículos oficiais que trabalham em função dos interesses dos governos totalitários, tais como TV, rádio, imprensa escrita e propaganda. A mídia oficial favorece a criação e a formação de opinião pública, que pode ser manipulada ou reinventada, dependendo do regime político. Aspecto que caracteriza o uso da informação como instrumento político. Diante deste cenário, os cidadãos e os movimentos sociais organizados encontraram na utilização de mídias e redes sociais um meio para dialogar, trocar informações contínuas e romper o bloqueio das mídias oficiais dos governos. Nesse artigo investigamos o papel das mídias e redes sociais nos levantes do Oriente Médio, denominados Primavera Árabe. Traçamos breve histórico desse movimento e buscamos compreender os impactos das mídias e redes sociais nos protestos, com base na pesquisa realizada pela *Arab Social Media Report* da *Dubai School of Government*.⁴ Explicamos como o uso dessas mídias ajudou a construir uma esfera pública virtual e internacionalizada durante as manifestações da Primavera Árabe, e como elas favoreceram o exercício do poder político da população.

O início da Primavera Árabe

A Primavera Árabe, chamada inicialmente de Revolução de Jasmim, iniciada na Tunísia, foi um movimento encabeçado por parte da população, que se entendia oprimida por governos que ao longo de décadas atenderam aos interesses imperialistas e mantiveram silêncio forçado, à custa de muita opressão política e da formação de verdadeiros estados policiaescos. O marco inicial destes movimentos ocorreu no dia 18 de dezembro de 2010, com a morte do jovem Mohamed Bouazizi na Tunísia, que ateou fogo ao próprio corpo em protesto. As insurgências levaram à renúncia de líderes da Tunísia, Ben Ali, no governo desde 1987, e Hosni Mubarak, que governou o Egito por mais de trinta anos. Na Líbia, o ditador Muammar al-Gaddafi não renunciou e tentou reprimir os levantes com o uso de força militar, mas acabou sendo morto por rebeldes. Na Síria, há grande pressão para a saída do presidente que comanda o país desde o ano 2000, Bashar al-Assad, filho do

⁴ Instituição de pesquisa e ensino, sediada em Dubai, Emirados Árabes Unidos, que incide sobre políticas públicas no mundo árabe.

antecessor, Hafez al-Assad, que governou o país por 30 anos (OUFELLA, 2013. p.119). De acordo com Araujo,

A base comum de todas as mudanças políticas no mundo árabe foram os protestos que demandavam por liberdade, dignidade, justiça, democracia e pelo fim da corrupção e da autocracia. Mas, em cada Estado árabe, os protestos trilham percursos distintos. Alguns poucos exemplos ilustram essa diversidade e, com isso, a variedade de sentidos que se pode atribuir à “Primavera Árabe” (ARAUJO, 2013. p. 47).

As revoltas populares abalaram todas as nações árabes, com importantes efeitos – de mudanças institucionais a conflitos civis – em países como Argélia, Bahrein, Iêmen, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos e Omã. A Síria também foi arrastada a sublevação civil. Assim, as rebeliões no mundo árabe receberam o nome de “Primavera Árabe” em função de seu efeito concatenado, ou simplesmente pelo “efeito dominó”, pois elas se espalharam e tomaram rumos próprios em cada um dos países atingidos. Mas um grito era (e ainda é) quase uníssono em todos esses movimentos: “liberdade”. O que significa, na prática, o fim da opressão promovida por governos associados muito mais a interesses de pequenas elites a serviço do capital estrangeiro que às necessidades e anseios de suas populações (OUFELLA, 2013, p. 122).

A figura abaixo apresenta um quadro sintético dos diferentes desdobramentos políticos causados pelas séries de manifestações ocorridas nos estados árabes até o mês de outubro de 2012.

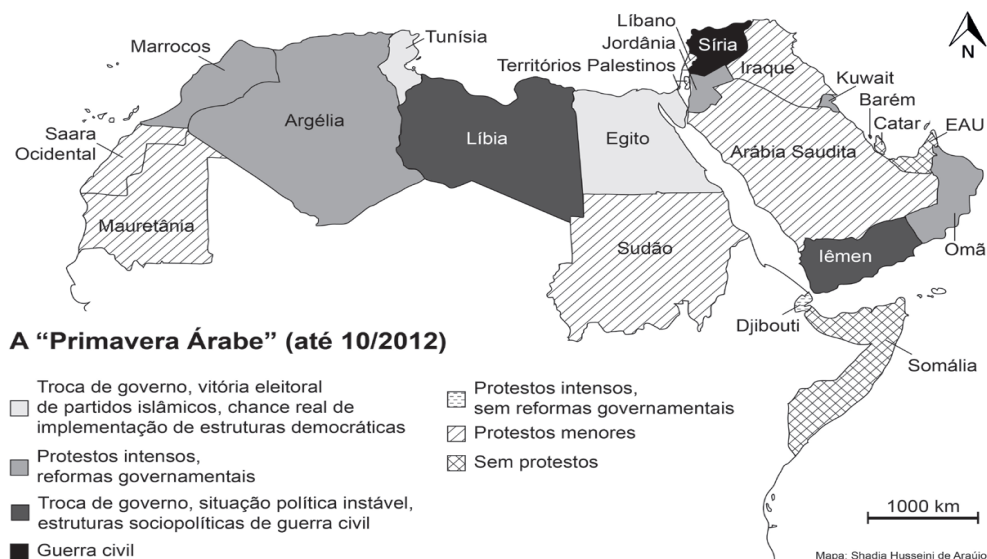


Figura 4 – Os diferentes percursos da “primavera árabe” nos estados árabes.⁵

⁵ Base das informações: Stiftung Wissenschaft und Politik, 2012; giga focus nahost, 2012; aljazeera.net), 2012, entre outros. Ilustração: shadia husseini de Araújo.

Formas de protesto como um fenômeno de massa são algo novo no mundo árabe. Até o momento que antecede as primeiras manifestações, a maioria dos estados árabes conseguiu proibir e oprimir sistematicamente, ao longo das últimas quatro ou até oito décadas, toda forma de grandes protestos públicos. O motivo dessa opressão está na falta da legitimação popular plena dos regimes políticos de seus estados nacionais, que por sua vez só conseguiam manter certa estabilidade quanto às questões de política interna por meio de um regime de governo autocrático. Esse regime não concedia espaço para a oposição, nem operava com um conceito de povo dotado de voz e, portanto, “sujeito” em potencial da política. Ao contrário, ao povo só lhe era permitido ser objeto da política (KASSAB, 2009; BOULLATA, 1990 *apud* ARAÚJO, 2013, p. 45).

O papel das plataformas de mídias e redes sociais na Primavera Árabe

As plataformas digitais de redes e mídias sociais tiveram a função de “despertar a consciência” da juventude árabe e de convocar os descontentes para sair às ruas e participar das manifestações. Num segundo momento, quando as mídias locais “ignoravam” os protestos e os jornalistas estrangeiros eram expulsos ou impossibilitados de realizar seu trabalho, as redes sociais assumiram definitivamente o papel de fontes de informação e notícia; abastecidas pelos próprios cidadãos, furando o bloqueio imposto pelos canais tradicionais de comunicação (LOPES, 2011, p.11).

[...] desta vez, estava a acontecer mais qualquer coisa, algo de profundo: as notícias estavam a ser produzidas por pessoas comuns, que tinham pormenores a relatar e imagens para mostrar, e não apenas pelas agências de notícias “oficiosas” que, tradicionalmente, costumavam produzir a primeira versão da história. Desta vez, o primeiro esboço estava a ser escrito, em parte, por aqueles a quem as notícias se destinavam. Uma situação tornada possível – era inevitável – pelas novas ferramentas de comunicação disponíveis na internet (GILMOR *apud* LOPES, 2011, p.11).

A Primavera Árabe fez surgir um novo gênero de revolução cuja característica distintiva reside na sua organização pelas redes e, particularmente, em redes sociais, que desempenharam importante papel informativo e de mobilização. De acordo com Kuebler (2011), sem negligenciar a complexidade dessas transformações, atribuiu-se pela primeira vez a derrubada de Ben Ali, da Tunísia, e de Mubarak, no Egito para mídias digitais, especialmente, as mídias sociais e *Facebook*. Tunisianos e egípcios decidiram pôr um fim a

anos de humilhação, corrupção e privação, utilizando o *Facebook*, telefones celulares, *YouTube* (KUEBLER, 2011, p. 1435. Tradução nossa).⁶ Como explica Lévy,

“[...] o ciberespaço oferece instrumentos de construção cooperativa de um contexto comum em grupos numerosos e geograficamente dispersos. A comunicação se desdobra aqui em toda a sua dimensão pragmática. Não se trata mais apenas de difusão ou de transporte de mensagens, mas de interação no seio de uma situação que cada um contribui para modificar ou estabilizar, de uma negociação sobre significações, de um processo de reconhecimento mútuo dos indivíduos e dos grupos via atividade de comunicação. O ponto capital é aqui a objetivação parcial do mundo virtual de significações entregue à partilha e à reinterpretção dos participantes nos dispositivos de comunicação todos-todos. Essa objetivação dinâmica de um contexto coletivo é operador de inteligência coletiva, uma espécie comum. Uma subjetivação viva remete a uma objetivação dinâmica. O objeto comum suscita dialeticamente um sujeito coletivo” (LÉVY, 1999, p. 113).

As revoluções árabes na Tunísia e no Egito demonstraram o poder das redes e mídias sociais. Estas redes criaram um espaço, ou nos termos de Bowles (2006), territórios para interação e reciprocidade, baseada em comportamento de compartilhamento altruísta. Os movimentos árabes provaram o poder das relações sociais para o ativismo social motivador. Os membros das redes criaram conteúdos revolucionários em seus celulares e mídias digitais, em seguida distribuíram esses mesmos conteúdos para seus amigos, familiares e membros de outras redes. Esta distribuição de conteúdo chegou à grande mídia e canais por satélite (KUEBLER, 2011, p. 1436. Tradução nossa).⁷

⁶ While resistance movements and confrontations between the state and the rebels are ongoing in most of these countries at the time of this writing—namely in Libya and Syria—the focus of this feature section is limited to Tunisia, the initiator of this revolutionary wave, and to Egypt. Both revolutions happened almost simultaneously, and they share a number of similarities regarding communication technologies’ role in shaping the outcome of the uprisings. This collection of articles is meant to shed light on the role of new media during these revolutionary events. In Tunisia and Egypt, we have witnessed a new genre of revolution whose distinguishing feature lies in its organization by networks and particularly in social networks, which played an important informational and organizational role. Neglecting the complexity of these transformations, the media first attributed the overthrow of Tunisia’s Ben Ali and Egypt’s Mubarak to digital media, particularly social media and *Facebook*. Claims and attributions such as “This is a Facebook revolution” were common in the media and in the street, whereas deep problems of corruption and dysfunction in most of the Arab states were toxic. Tunisians and Egyptians decided to put an end to years of humiliation, corruption and deprivation. Having used Facebook, mobile phones, YouTube, or just word-of-mouth, a number of people—computer literate and analphabetic alike—gathered in the streets, protested, and some eventually died. But they won their peaceful and unarmed uprising; they won their revolution.

⁷ If we learned political leadership and coalition building from the Russian Revolution and popular initiative from the French Revolution, the Arab revolutions in Tunisia and Egypt demonstrated the power of networks. People did not assemble in the streets to espouse their political views or opinions nor to demonstrate solidarity with their political parties, the leaders they followed, or the gatekeepers they trusted. Instead, they mobilized for two other reasons, the first being the pain they shared due to difficult socioeconomic conditions: Unemployment, the high costs of living, inequalities among classes, censorship, and so forth were at the root of people’s humiliation and frustration. Deplorable economic conditions, political deprivations, corruption, and social repressions are ubiquitous among most Arab countries and represent the motivating factors for these revolutionary actions. The second reason, as important as the first, is the flow of networks to which people belong: networks of friends, media, and they distributed this same content to their friends, families, and members of other networks. This content distribution reached the mainstream media and satellite channels.

A primeira rede de televisão a noticiar os acontecimentos no país foi a *Al-Jazeera*. Para contornar as barreiras impostas pelo regime a jornalistas estrangeiros, que só poderiam trabalhar com autorização prévia, a emissora do Catar utilizou informações publicadas nos *blogs* e nas redes sociais. A TV utilizou o jornalismo cidadão⁸ para driblar a dificuldade e os riscos de manter profissionais nos locais de tensão. Outro mérito da cobertura da *Al-Jazeera* foi alargar o nicho de pessoas que teriam acesso às informações sobre o levante, já que o acesso à Internet era limitado (FÁTIMA, 2013, p. 8).

A *Al-Jazeera* desempenhou papel importante na redistribuição deste conteúdo para a maioria do povo tunisiano que não tinha acesso à Internet. Essas pessoas alinharam-se contra o seu inimigo, o presidente, e suas atitudes e crenças mudaram devido ao seu engajamento político. Alguns o fizeram através do poder da comunicação e das tecnologias que eles usaram para informar e libertar; outros por responder à chamada para tomar as ruas (KUEBLER, 2011, p. 1436. Tradução nossa).⁹

A sofisticada rede de comunicação, construída pela revolução, reuniu ações *online* e *offline*, que foram desde mobilizações boca a boca em regiões pobres, auxílio de ciberativistas espalhados no globo, trabalho de rádios comunitárias, utilização da Internet, até a cobertura de uma das maiores emissoras de televisão do mundo, a *Al-Jazeera*. Para Castells (2011), não foi a comunicação que deu origem às revoltas. Estas têm causas profundas na miséria e na exclusão social. Mas, sem esta nova forma de comunicação a revolução não teria as mesmas características: a espontaneidade, a falta de liderança e o envolvimento de diferentes tendências sob a mesma bandeira. Muçulmanos e católicos, homens e mulheres, jovens e idosos, artistas e operários, moradores de bairros populares e da classe média instruída marchavam lado a lado pela mesma causa, a queda de Ben Ali (FÁTIMA, 2013, p. 11).

Na Tunísia, para tentar frear este fenômeno, as autoridades bloquearam páginas no *Facebook* e filtragens globais. Páginas de mídias estrangeiras como *France 24*, *Al Jazeera*,

⁸ Jornalismo exercido por cidadãos comuns que participam dos processos jornalísticos. Tais como: coleta, reportagem disseminação de conteúdo (notícias). Também chamado de colaborativo.

⁹ *Al-Jazeera*, played an important role in redistributing this content to the majority of the Tunisian people who had no access to the Internet. These people aligned themselves against their enemy, the president, and their attitudes and beliefs changed due to their political engagement. Suddenly, old and young found or discovered themselves to be both patriotic and in revolt. Some did so through the power of the communication technologies they used for informing and freeing themselves; others by responding to the call for taking to the streets. Communication technologies empowered citizens, some of whom used these technologies spontaneously and not strategically.

Le Nouvel Observateur, *BBC* e *Rue89* foram bloqueadas, ao mesmo tempo em que o *site WikiLeaks* anunciava a corrupção do clã Bem Ali-Trabelsi, que foi traduzido para os tunisianos em *sites* como o *nawaat.org* que popularizaram a ira contra o governo.

O bloqueio não conteve a disseminação de informações e notícias através do *Facebook*. Por meio desta rede social a revolução se alastrou, principalmente, em função do compartilhamento de vídeos de denúncia hospedados no *Youtube* ou no *Dailymotion*. Na internet, mascaradas com nomes falsos, comunidades no *Facebook* denunciaram a corrupção, popularizaram discursos em um espaço livre e democrático. Os coletivos virtuais disseminaram as denúncias e os discursos populares. Consequência notável desse fenômeno foi a eleição para ministro do blogueiro Slim Amamou¹⁰, preso por Ben Ali e libertado depois (SANTOS, 2013, p. 5).

As plataformas digitais de mídias e redes sociais na Internet foram utilizadas para compartilhar informações, planejar e organizar protestos pelas pessoas que tinham acesso à rede *online* na Tunísia, que era um número considerável. O *Facebook*, por exemplo, reunia cerca de 2,5 milhões de usuários (21% da população) no país e, o *Twitter*, aproximadamente 36 mil (0,32%), em 2011 (FÁTIMA, 2013, p. 12).

A Primavera Árabe no *Facebook* e *Twitter*

Após o início dos levantes na Tunísia, a Primavera Árabe se espalhou pelo Oriente Médio. Os manifestantes seguiam pedindo mudanças e tomando conta de ruas em cidades no norte da África e do Oriente Médio, e praticamente tudo foi registrado nas plataformas digitais de mídias e redes sociais. Uma pesquisa realizada pela *Dubai School of Government*, entre janeiro e março de 2011, demonstra o impacto das mídias sociais no mundo árabe, em função da Primavera Árabe.

A pesquisa mostra crescimento exponencial no número de usuários de mídia social na região. A Primavera Árabe contribuiu significativamente para essa mudança. O número total de usuários do *Facebook* no mundo árabe triplicou no período pesquisado pela *Dubai School of Government*.

De junho de 2010 a junho de 2012, o número de usuários passou de 16 milhões para 45 milhões. No período do estopim dos movimentos da Primavera Árabe, foi registrado um

¹⁰ Slim resistiu à ditadura com seu blog. Foi preso durante o regime de Ben Ali, liberado após a queda do ditador e, em seguida, dado a repercussão do caso nas mídias e redes sociais, anunciou o cargo de ministro no *twitter*.

crescimento de 14,8 para 27,7 milhões, conforme o relatório da pesquisa. A figura abaixo mostra que 31% dos entrevistados na Tunísia e no Egito apontaram o *Facebook* como a principal rede social utilizada por tunisianos e egípcios na Primavera Árabe. A pesquisa aponta ainda que 33% e 24% dos entrevistados na Tunísia e Egito, respectivamente, divulgaram informações para o mundo sobre os movimentos pelo *Facebook*. E 22% e 30%, na Tunísia e Egito, organizaram ações ativistas por meio da rede. Menos de 15% nos dois países acreditava que o *Facebook* foi utilizado para razões de entretenimento ou outras atividades.¹¹

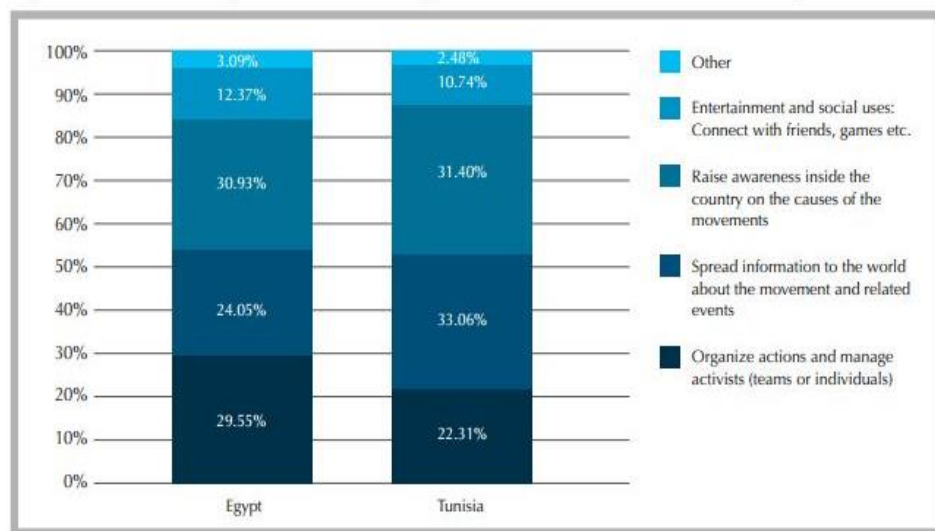


Gráfico 01: O uso do *Facebook* durante a Primavera Árabe no início de 2011, na Tunísia e no Egito.¹²

No primeiro trimestre de 2011, o *Facebook* aumentou consideravelmente em número de usuários no mundo árabe. No início de abril de 2011, oito países árabes tinham mais usuários do *Facebook* (em percentagem da população) que os EUA, que é um dos maiores países do *ranking*, em termos de penetração do *Facebook*. O maior aumento em

¹¹ As a first step in taking a closer look at the usage of *Facebook* during the protests and civil movements, the Governance and Innovation program at the Dubai School of Government conducted a survey that was distributed through Facebook’s targeted advertising platform to all *Facebook* users in Tunisia and Egypt. The survey ran for three weeks in March 2011, and was conducted in Arabic, English and French. There were 126 respondents from Egypt and 105 from Tunisia. In both countries, *Facebook* users were of the opinion that *Facebook* had been used primarily to raise awareness within their countries about the ongoing civil movements (31% in both Tunisia and Egypt), spread information to the world about the movements (33% and 24% in Tunisia and Egypt respectively), and organize activists and actions (22% and 30% in Tunisia and Egypt respectively). Less than 15% in either country believed *Facebook* was primarily being used for entertainment or social reasons.

¹² **Fonte:** Arab Social Média Report /Dubai School of Government.

número de novos usuários do *Facebook* tanto em porcentagem da população, quanto em termos de números reais é registrado na Turquia, que superou muitos países árabes.¹³

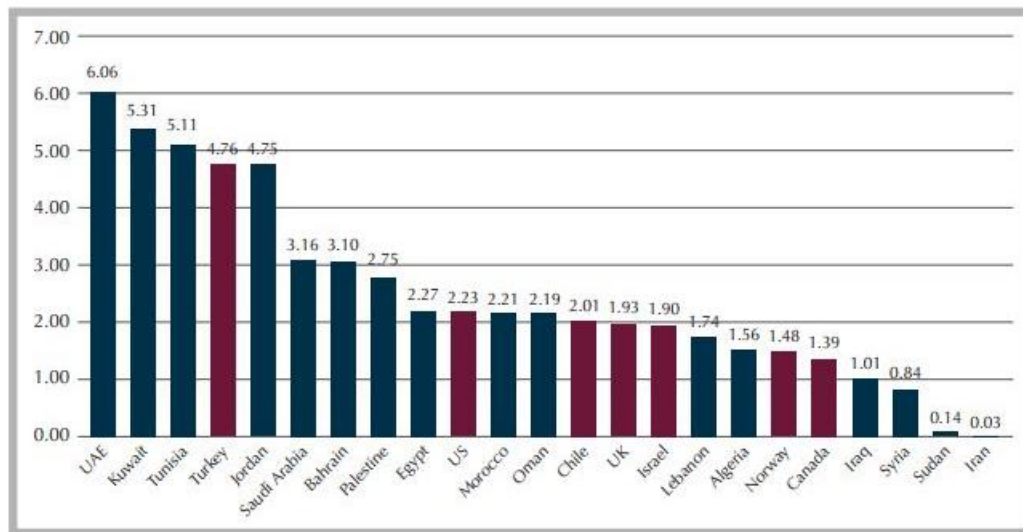


Gráfico 02: Novos usuários do *Facebook* na região árabe (5 janeiro - 5 abril de 2011), como porcentagem da população.¹⁴

Com mais de 3,6 milhões de novos usuários no *Facebook* a se inscrever entre janeiro e abril de 2011, a Turquia quase dobrou o número de usuários do *Facebook* que o Egito registrava para o mesmo período (1,95 milhões).

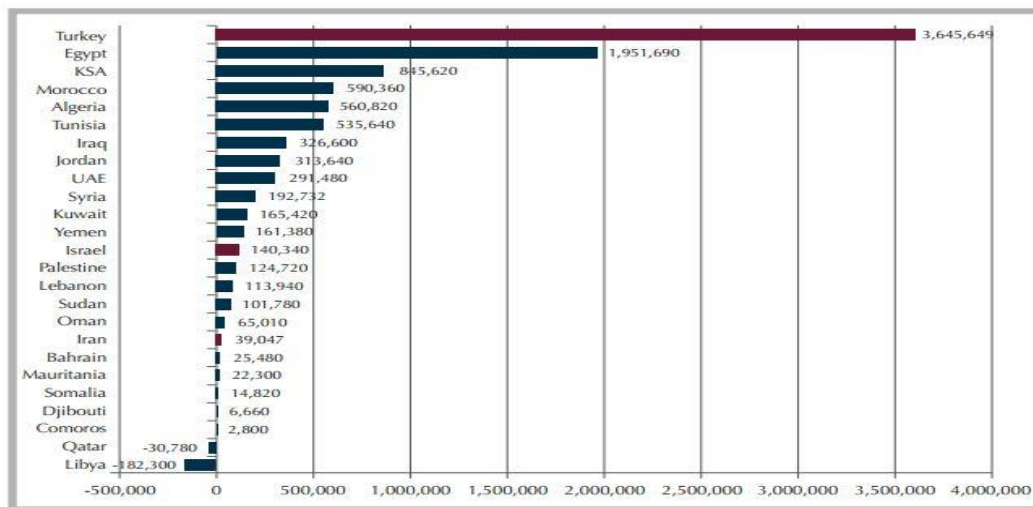


Gráfico 03:: Número de novos usuários do *Facebook* na região árabe, além de Irã, Israel e Turquia (5 janeiro - 5 abril de 2011).¹⁵

¹³ Moreover, when comparing the uptake of *Facebook* in Arab countries with that in some of the “Top 10” countries (in terms of *Facebook* penetration worldwide), several Arab countries still outpace the Top 10 in terms of new users acquired throughout the first quarter of 2011, as percentage of population. At the beginning of April 2011, eight Arab countries had acquired more *Facebook* users (as a percentage of population) than the US, one of the highest ranking countries in the world in terms of *Facebook* penetration. In comparison, Turkey has also acquired a large number of new *Facebook* users (both as a percentage of population, and in terms of actual numbers), and has outpaced a lot of the Arab countries

¹⁴ **Fonte:** Arab Social Média Report /Dubai School of Government.

¹⁵ **Fonte:** Arab Social Media Report /Dubai School of Government

A pesquisa mostrou que 94% dos entrevistados na Tunísia disseram que o *Facebook* era sua fonte de informações sobre os movimentos civis. Já no Egito, 88% afirmaram que se informavam sobre o movimento por meio da rede social. Tunísia e Egito contaram com a mídia tradicional, patrocinada pelo Estado, para informar a sua população.

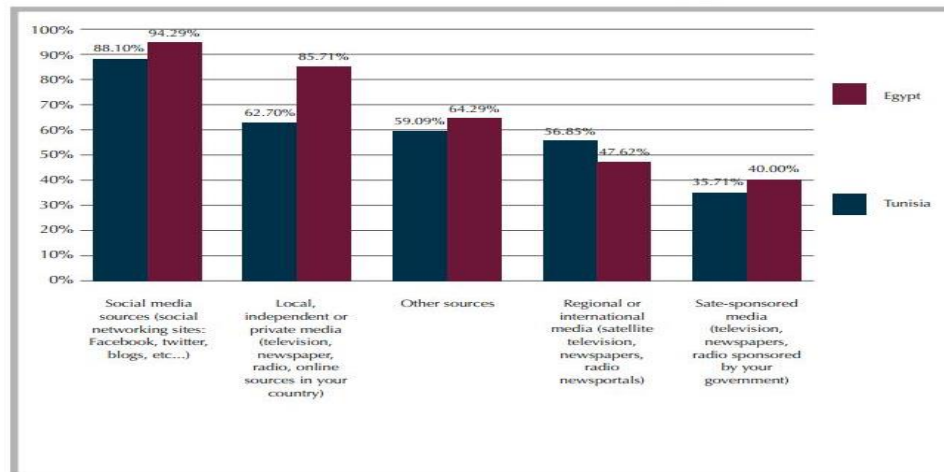


Gráfico 04: Local onde a população conseguia a sua notícia / informação sobre os eventos durante os movimentos civis.¹⁶

No *Twitter*, os ativistas reunidos pelas *hashtags*¹⁷ *#freetunisia*, *#sidibouid* e *#tunisia*, davam dicas de como se proteger da polícia nos protestos, marcavam os lugares de encontro das manifestações, informavam as áreas da cidade mais policiadas e até confrontavam informações veiculadas pela imprensa tradicional do regime. De acordo com a empresa de rastreamento de tráfego *Back Type13*, do mesmo grupo empresarial do *Twitter*, pelo menos 170 mil mensagens com o *hashtag #sidibouid* foram disparadas entre 12 e 19 de janeiro de 2011, por mais de 40 mil usuários (FÁTIMA, 2013, p. 12).

De acordo com a *Dubai School of Government*, o número total de usuários do *Twitter*, o número de *tweets*¹⁸ e principais as tendências em cada um dos 22 países árabes (além de Irã, Israel e Turquia) durante o período de 1 janeiro a 30 março de 2011 foi estimado em mais de duzentos milhões. Entre esses números, estima-se que apenas 30 a 40 milhões eram usuários ativos. O que significa, segundo a pesquisa, que as informações divulgadas pelo *Twitter* eram geradas por uma minoria. Enquanto a maioria usou o *Twitter* para consumir notícias.

¹⁶ **Fonte:** Arab Social Media Report /Dubai School of Government

¹⁷ **Hashtag** é o termo em inglês para definir o símbolo #. É utilizado para marcar alguma palavra ou expressão a qual se queira destacar.

¹⁸ Nome utilizado para designar as trocas de mensagens utilizadas na rede social *Twitter*.

O número estimado de usuários ativos do *Twitter* na região árabe no final de março de 2011 foi de 1.150.292 (um milhão, cento e cinquenta mil, duzentos e noventa e dois). Multiplicado pela razão do total dos utilizadores pelos utilizadores ativos acima (uma média de 200 milhões million/35 = 5,7), obtém-se uma população total de 6.567.280 (seis milhões, quinhentos e sessenta sete) no *Twitter*.

O número estimado de *tweets* gerados na região árabe no primeiro trimestre de 2011 por estes "usuários ativos" foi 22.750.000 (vinte e dois milhões, setecentos e cinquenta mil) *tweets*, cerca de 252 mil *tweets* por dia, ou 175 *tweets* por minuto, ou três *tweets* por segundo. O número de *tweets* diários por usuário ativo na região árabe no primeiro trimestre de 2011 é de 0,81 os *tweets* diários. As *hashtags* mais populares em todo o mundo árabe no primeiro trimestre foram #egypt (com 1,4 milhões menciona em *tweets* gerados durante este período) #jan25 (com 1.2. milhões de menções), #líbia (com 990.000 menções), #Bahrain (640.000 menções), e de protesto (620.000).

Abaixo, a relação de usuários do *Twitter* por país. Emirados Árabes Unidos, Catar, Egito, Arábia Saudita e Kuwait lideram o *ranking*.

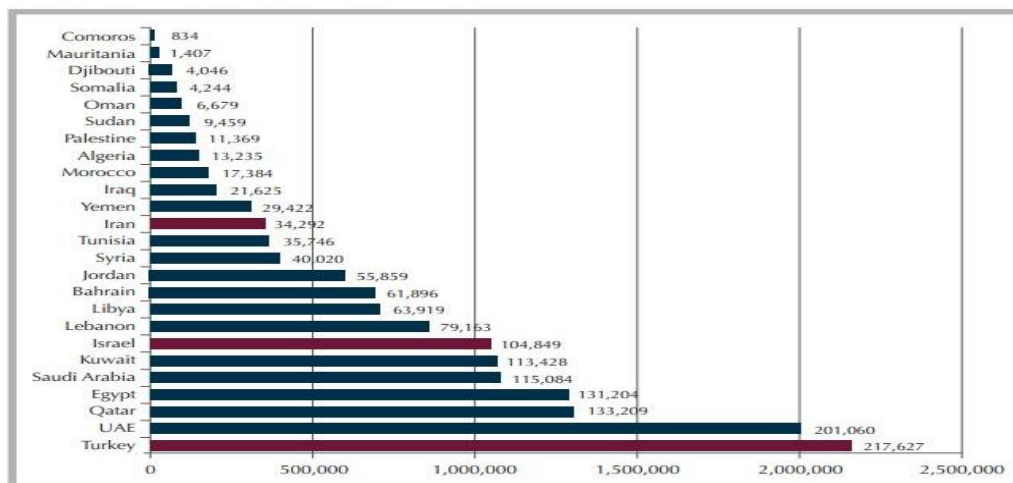


Gráfico 05:: Número de usuários ativos do *Twitter* na região árabe, mais o Irã, Israel e Turquia (média entre 1 de janeiro e 30 de março, 2011).¹⁹

O volume de *tweets* de cada país foi estimado entre 1 de Janeiro e 30 de Março (ver Figura 23). Os cinco principais geradores de os *tweets* na região árabe são Kuwait, Catar, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Egito. A Figura mostra que mais de 60% dos *tweets*, no primeiro trimestre de 2011 foram gerados por estes cinco países.

¹⁹ **Fonte:** Arab Social Média Report /Dubai School of Government.

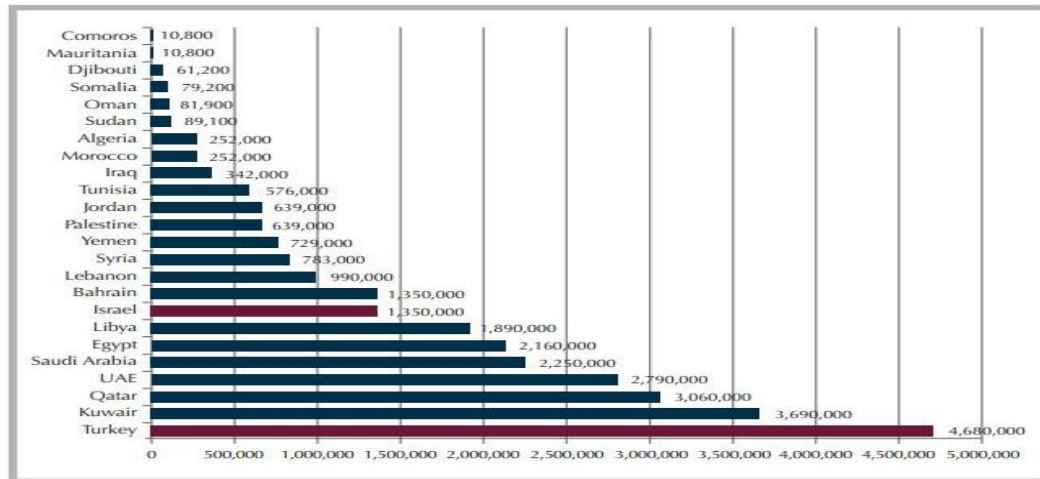


Gráfico 06:: Número de *tweets* na Região Árabe * mais Israel e Turquia (1 janeiro - 30 março de 2011).²⁰

Na Tunísia e no Egito, 90% dos entrevistados que afirmaram utilizar o *Facebook* para promover a Primavera Árabe, também utilizaram o *Twitter*. O ápice do uso da rede foi registrado no dia 27 de fevereiro de 2011, quando o presidente interino do País, Ghannouchi, nomeou o novo primeiro ministro, Beji Caid el Sebsi.

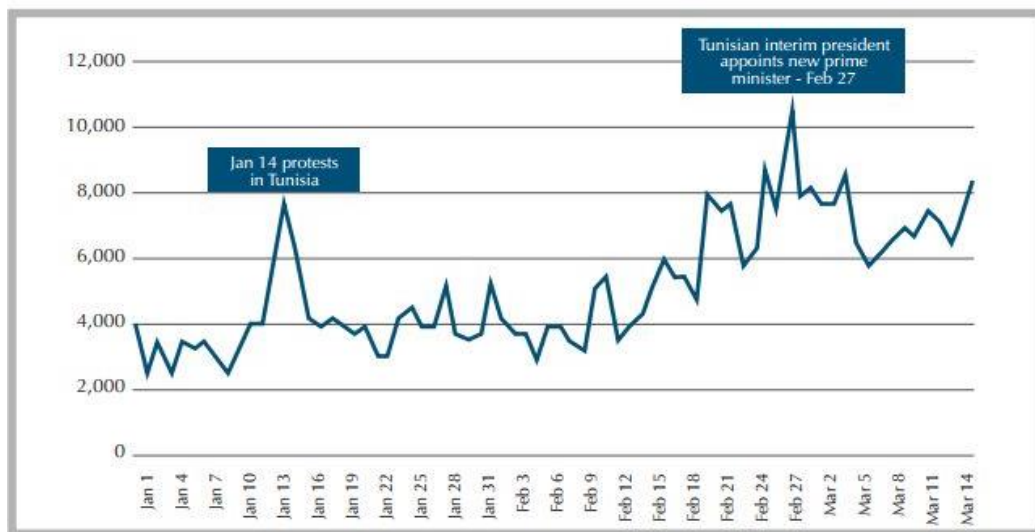


Gráfico 07: Volume diário de *tweets* na Tunísia.²¹

Alguns personagens ganharam destaque na cobertura dos movimentos civis no Oriente Médio, no *Twitter*. Entre eles, o jornalista Sultan al Qassemi que narrou, por meio do *Twitter*, os acontecimentos da Primavera Árabe. Sultan al Qassemi é jornalista político que narrou os movimentos civis no Oriente Médio.

²⁰ Fonte: Arab Social Média Report /Dubai School of Government.

²¹ Fonte: Arab Social Média Report /Dubai School of Government.



Figura 05: Perfil de Sultan al Qassemi.²²

Através do perfil no *Twitter* @SultanAlQassemi, o jornalista pautou os veículos de comunicação do Ocidente. Ele publicou traduções de comunicados ao vivo da Praça *Tahrir*, no Egito, e do púlpito do ditador do Iêmen, Ali Abdullah Saleh. Durante a Primavera Árabe, noticiou o auge da revolta egípcia, com *posts* a cada 45 segundos e conseguiu manter seus seguidores atualizados sobre os protestos.



Figura 06: Fonte: *tweets* durante a Primavera Árabe.²³

No início dos movimentos, na Tunísia, o jornalista possuía cerca de 7 mil seguidores e em pouco tempo seu número de seguidores aumentou para 70 mil. Atualmente, Ali Abdullah Saleh possuiu mais de 284 mil seguidores e pouco mais de 74 mil *tweets* publicados. Com tamanha popularidade no *Twitter*, Sultan foi eleito, pela revista *Time*, em 2011, como um dos perfis mais influentes do mundo.

Ao usar as plataformas da web 2.0, os indivíduos, como Sultan al Qassemi, transformam-se em ‘co-autores’ de discursos que publicam em um meio capaz de atingir

²² Reprodução: *Twitter*

²³ Fonte: Revista *Time* <http://ti.me/1w9gfe5>.

um público global. Ainda que esses conteúdos sejam marcados pela subjetividade, alguns apresentam informações passíveis de ter interesse público. É nesta perspectiva que as atividades dos indivíduos no novo espaço público são passíveis de receber a atenção dos meios de comunicação tradicionais. Na era da Internet o número de produtores de informações aumentou exponencialmente. Através de portais pessoais, *blogs*, ou redes sociais, o indivíduo pode produzir e disseminar discursos para uma audiência potencialmente global (SILVA, 2013, p. 141).

É nas mídias e redes sociais que se constitui uma esfera pública virtual e internacionalizada, uma vez que a informação é difundida, sem as barreiras dos veículos tradicionais, em larga escala com grande alcance e com a possibilidade de ser modificada. Fato que amplia sobremaneira a ação e o poder político dos indivíduos e/ou grupos organizados.

Considerações finais

O percurso que seguimos até aqui explorou uma entre tantas possibilidades de estudo do fenômeno das mídias e redes sociais, e de suas implicações na Primavera Árabe. Considerando que o uso dessas mídias teve grande impacto nos levantes do Oriente Médio, depreendemos que as novas tecnologias de informação e comunicação, a Internet, e as plataformas digitais de mídias e redes sociais possibilitaram o surgimento de uma esfera pública interconectada. Mas, a ampliação do espaço público é também resultado do uso de tais tecnologias para a ação política. Vimos que o *Twitter* e o *Facebook*, por exemplo, foram ferramentas fundamentais para o exercício do poder político pelos cidadãos, jornalistas e grupos organizados.

Nestes termos, já não se trata de uma esfera pública na linha teorizada por Habermas, de espaço público como território, o lugar (físico) de encontro. Mas, de uma esfera pública que intermedia o poder político instituído e os cidadãos. Além de permitir a difusão e a apropriação de conteúdos difundidos na Internet. Redes e mídias sociais preenchem “espaços” que já não são mais definidos como territórios, nos quais a subjetividade é uma tendência presente. Neste ambiente desterritorializado, as interações sociais marcadas pela subjetividade favoreceram o exercício da ação política em larga escala. A nova configuração das comunicações e do exercício de poder constituem, então,

este novo espaço público, que já não cabe integralmente na definição de Habermas, ainda que mantenha a sua essência.

Referências bibliográficas

ALLAGUI, Ilhem; KUEBLER, Johanne (2011). The Arab Spring and the Role of ICTs. In: **International Journal of Communication**, Vol. 4. Disponível em <www.ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/1392/616>. Acesso: 15/05/2014.

ARAÚJO, Shadia Husseini de. **O “islã” como força política na “primavera árabe”**: uma perspectiva da teoria do discurso. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/view/33895/21156>. Acessado em: 16/05/2014.

Arab Social Média Report /Dubai School of Government. **Social Media in the Arab World: Influencing Societal and Cultural Change?** Disponível em: <http://www.dsg.ae/en/publication/Description.aspx?PubID=306&PrimenuID=11&mnu=Pri>. Acessado em 24/05/2014.

CASTELLS, Manuel. **La wikirrevolución del jazmín**. Lavanguardia, 2011. Disponível em: <http://www.lavanguardia.com/opinion/articulos/20110129/54107291983/la-wikirrevolucion-del-jazmin.html>. Acessado em: 25/05/2014.

FÁTIMA, Branco Di. **Primavera Árabe**: vigilância e controle na sociedade da informação. *Silva*. 2003: 41.

FÁTIMA, Branco Di. **Revolução de Jasmim: a comunicação em rede nos levantes populares da Tunísia**. Revista Temática. Ano XX n.01. (2013). Disponível em: http://www.insite.pro.br/2013/Janeiro/revolucaodejasmim_rede_tunisia.pdf. acessado em: 15/05/2014

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria de sociedade burguesa. RJ: tempo brasileiro 1984.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Coleção Trans. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOPES, Gustavo Chaves. **O papel das redes sociais como ferramenta de mobilização política da sociedade**: uma análise da “Primavera Árabe”. (2011) Disponível em: <http://www.slideshare.net/gustavoclopes/o-papel-das-redes-sociais-como-ferramenta-de-mobilizacao-politica-da-sociedade-uma-anlise-da-primavera-rabe>. Acessado em: 21/04/2013

OUFELLA. Jociane Machiavelli. ELY. Priscila Carla da Silva. **A Primavera Árabe sob o enfoque do direito Internacional dos direitos humanos**. Disponível em: <http://www.uniarp.edu.br/periodicos/index.php/juridico/article/download/216/204> Acessado em: 20/05/2014.

REVISTA TIME: **Sultan al Qassemi**. Disponível em: http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2058946_2059032_2059025,00.html acessado em : 24/05/2014.

THE GUARDIAN: **Sultan al Qassemi**. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/richard-adams-blog/2011/jul/08/sultan-al-qassemi-twitter> Acessado em: 24/05/2014.